

Dimensão Humana da Paisagem Urbana **Experiência, pertencimento e inclusão no MAC-Niterói**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E
DA GESTÃO DA PAISAGEM - ET2

Gisela Vasconcelos Cunha Mello
Universidade Federal Fluminense
E-mail: gvcмello@gmail.com

RESUMO

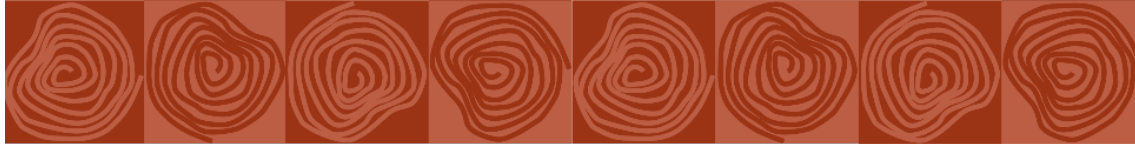
O presente artigo constitui um desdobramento da pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Patrimônio Cultural do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e analisa o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói) a partir da perspectiva da dimensão humana da paisagem urbana, considerando experiência, pertencimento e inclusão, e fundamenta-se na compreensão que a paisagem integra forma construída, percepção e práticas cotidianas, articulando revisão bibliográfica, análise de caso, teorias de Milton Santos, Jan Gehl e Richard Sennett, estruturando-se em três eixos: inserção territorial do museu, experiência cotidiana e apropriação do entorno, e condições de inclusão e gestão. Os resultados indicam que o MAC-Niterói se consolida como paisagem cultural viva, cuja relevância decorre da combinação entre sua monumentalidade arquitetônica, comparável a um "menir dos tempos modernos" ou "menir contemporâneo", e a experiência social que proporciona. Conclui-se que o planejamento e a gestão de paisagens urbanas devem priorizar escala humana, diversidade de usuários e inclusão, transformando equipamentos culturais em espaços compartilhados, significativos e acolhedores.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem urbana; dimensão humana; museu.

ABSTRACT

This article is an extension of research developed in the Lato Sensu Postgraduate Course in Cultural Heritage at the Celso Suckow da Fonseca Federal Center for Technological Education (CEFET/RJ) and analyzes the Museum of Contemporary Art of Niterói (MAC-Niterói) from the perspective of the human dimension of the urban landscape, considering experience, belonging, and inclusion. It is based on the understanding that the landscape integrates built form, perception and daily practices, articulating bibliographic review, case analysis, theories of Milton Santos, Jan Gehl, and Richard Sennett, structured around three axes: the museum's territorial insertion, daily experience and appropriation of the surroundings, and conditions of inclusion and management. The results indicate that MAC-Niterói is consolidated as a living cultural landscape, whose relevance stems from the combination of its architectural monumentality, comparable to a menhir of modern times or a contemporary menhir, and the social experience it provides. It is concluded that the planning and management of urban landscapes should prioritize human scale, user diversity, and inclusion, transforming cultural facilities into shared, meaningful, and welcoming spaces.

KEYWORDS: urban landscape; human dimension; museum.



INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento da pesquisa desenvolvida no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Patrimônio Cultural do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), no qual foram investigados diferentes aspectos do Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), incluindo acessibilidade, patrimônio e turismo.

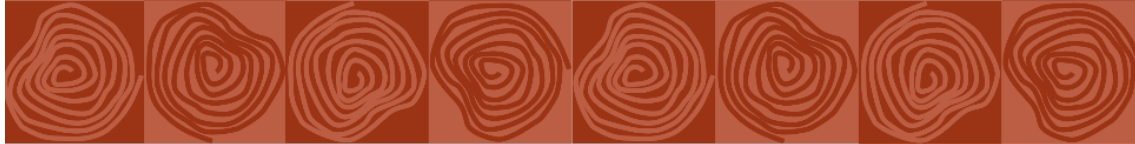
Inserido no eixo Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem, o texto parte do entendimento que a paisagem urbana resulta das relações sociais e políticas que se estabelece no território, entendidos como aspectos que influenciam as formas de pertencimento, uso e identificação com o espaço. Nesse contexto, o museu projetado pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer e inaugurado em 1996 (Jodidio, 2016) é analisado como sendo agente que interfere nas dinâmicas e experiências do seu entorno.

Assim, busca-se examinar de que modo pode-se contribuir para a promoção da inclusão, do pertencimento e da qualidade urbana, partindo da hipótese de que a consolidação do museu como paisagem cultural depende da convergência entre sua monumentalidade arquitetônica e a intensidade das experiências sociais que estruturam o cotidiano do lugar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A compreensão da paisagem urbana exige reconhecê-la como resultado de processos que foram se materializando no decorrer do tempo. Milton Santos (2021) entende o espaço como produto histórico e social, criado pela ação humana sobre a natureza e seus elementos, e representa a face visível dessas transformações que também abrangem as sociedades. Ao observar a vida que se desenvolve nas cidades, Jan Gehl (2015) enfatiza que a qualidade do espaço urbano depende da escala humana, da possibilidade de permanência e da criação de ambientes que favoreçam encontros e interações, fazendo com que a paisagem deixe de ser apenas cenário e se torne suporte das relações sociais.

Complementando essa perspectiva, Richard Sennett (2018) propõe a noção de cidade aberta, caracterizada pela flexibilidade, diversidade e capacidade de acolher diferenças, ressaltando que paisagens urbanas são aquelas que permitem múltiplas formas de uso e apropriação. Essa concepção amplia o entendimento da paisagem



como construção coletiva, dinâmica e inacabada, que se transforma conforme as práticas e os sujeitos que a habitam.

Esses referenciais permitem compreender a paisagem urbana como construção coletiva que deve incorporar experiência, diversidade e equidade.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, combinando revisão bibliográfica com análise do MAC-Niterói. Para isso, foram mobilizados referenciais da geografia urbana, do urbanismo e da sociologia.

A análise se organizou em três eixos principais: a inserção territorial e a configuração espacial do museu; a experiência cotidiana e as formas de apropriação do entorno; e as condições de inclusão, bem como os desafios de gestão. Essa estrutura permitiu articular teoria e prática, evidenciando de que maneira os conceitos da Dimensão Humana se concretizam no espaço urbano.

RESULTADOS

A pesquisa mostrou que a paisagem cultural urbana é construção histórica e social, visível na sobreposição de camadas físicas, simbólicas e práticas sociais no entorno do Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Observou-se que a implantação do museu estabeleceu relações sensíveis entre arquitetura e território promovendo apropriação por moradores, turistas e grupos culturais.

Identificou-se que a monumentalidade do edifício cria tensões de acesso e percepção, indicando que a efetivação da paisagem depende de políticas de inclusão, gestão participativa e estratégias contínuas de mediação cultural.

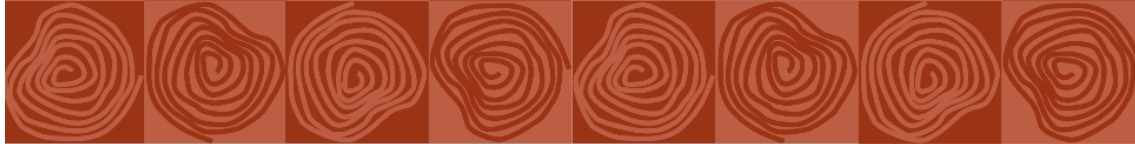


Figura 1: Museu de Arte Contemporânea de Niterói

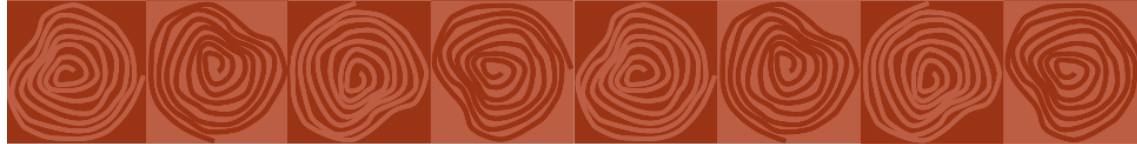


Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

DISCUSSÃO

Desde os primórdios, o caminhar transformou a paisagem: as margens sinuosas dos rios guiavam os deslocamentos humanos, e, gradativamente foram sendo retificadas para facilitar o transporte, a ocupação e a organização das cidades em torno da água, como analisa Richard Sennett. Nesse contexto, a paisagem pode ser compreendida, conforme Milton Santos no capítulo “Paisagem e Espaço” de *Metamorfoses do Espaço Habitado*, como a parte visível de um espaço dinâmico, produzido socialmente e formado por camadas de história e ocupação em permanente tensão com a natureza.

Seguindo essa perspectiva e a partir das contribuições de Milton Santos, a paisagem pode ser compreendida como uma fração visível do espaço, resultado do acúmulo de diferentes temporalidades. A elevação rochosa que sustenta o MAC-Niterói, já carregava camadas históricas e simbólicas anteriores à sua implantação, como a aquarela de Franz Keller (1869) que mostrava a natureza selvagem, passando pelo mirante nos anos setenta que foi sendo ocupado pelos trailers de comida que proporcionaram local de encontro e lazer para a comunidade niteroiense no início dos anos oitenta, até se tornar um local degradado nos anos noventa, e que atualmente, traz eventualmente a presença de ocupações nas cavernas abertas pelo mar na rocha que sustenta o museu (Figura 2), adicionando uma nova camada a esse empilhamento temporal, redefinindo a leitura do lugar (Santos, 2021, p. 67-81),



sublinhando que a paisagem cultural não é estática, sendo um processo dinâmico de sobreposição e disputa de significados.

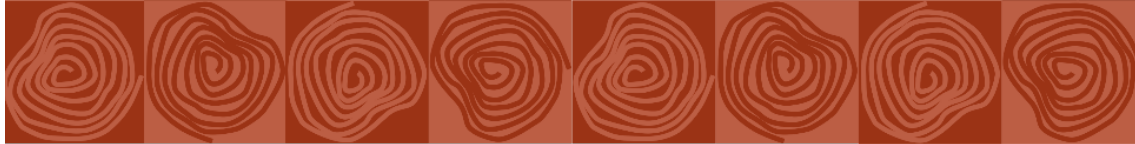
Figura 2: Eventual presença de ocupações nas cavernas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2025.

Inspirada na noção de *menir* apresentada por Francesco Careri em *Walkscapes*: o caminhar como prática estética, a inserção de marcos urbanos, como ocorre com o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (Figura 1), pode ser compreendida como gesto de inscrição simbólica no território. Ao destacar-se verticalmente no promontório, o museu reconfigura a leitura da paisagem e pode ser interpretado como um "menir contemporâneo" ou "menir dos tempos modernos", na medida em que reorganiza e reorienta percepções, convertendo o espaço em referência cultural. Nesse sentido, a paisagem cultural consolidou-se como conceito central nas discussões interdisciplinares que articulam geografia, patrimônio, urbanismo, arte e políticas culturais, resultado da interação contínua entre sociedade e natureza.

No campo da arte e da arquitetura, o edifício assume caráter escultórico, característica recorrente na obra de Niemeyer, com a sua forma curva e elevada, o museu projeta-se sobre a paisagem como objeto singular, estabelecendo diálogo com o céu e com a água. Desta feita, a inserção do museu no promontório da Boa Viagem constitui um gesto arquitetônico de forte impacto, e a escolha do sítio revela uma leitura específica da geografia local, marcada pela presença do mar, do relevo rochoso e da amplitude visual da baía. Assim, a paisagem natural não atua como mero pano

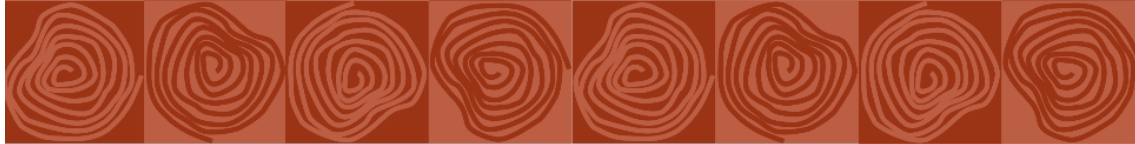


de fundo da edificação, mas como elemento constitutivo da experiência espacial, pois ao percorrer a rampa de acesso para alcançar o interior do museu, o visitante estabelece relação visual com o horizonte, percebendo a cidade e o ambiente natural como partes integradas de um mesmo sistema que manifesta uma construção relacional, na qual território e arquitetura se entrelaçam.

Essa condição reforça a dimensão artística da paisagem cultural, evidenciando que a intervenção humana não apenas ocupa o território, mas o reinterpreta simbolicamente. A arquitetura deixa de ser exclusivamente funcional e torna-se mediadora estética da experiência do espaço (Foster, 2015), que pode ser observado no caso do MAC-Niterói, onde a força imagética frequentemente se sobrepõe à experiência museológica interna, evidenciando tensões próprias das paisagens culturais inseridas na lógica do turismo global. Ademais, a dimensão urbana da paisagem cultural torna-se evidente ao considerar o entorno do museu, tendo sua presença reorganizado fluxos turísticos e consolidando circuitos culturais, constituindo uma rede territorial de percursos e práticas sociais.

A reflexão sobre a dimensão humana da paisagem urbana encontra respaldo nas contribuições de Jan Gehl, que defende a importância da escala humana, da permanência e da vitalidade do espaço público como indicadores de qualidade urbana. Para o autor, a cidade deve ser pensada a partir das pessoas e de suas experiências cotidianas, estimulando encontros, permanência e diversidade de usos (Gehl, 2015, p. 3-6). No caso do MAC-Niterói, essa perspectiva evidencia o potencial da esplanada como área de convivência e contemplação, mas também aponta limitações relativas à oferta de mobiliário urbano, sombreamento e integração com o tecido urbano adjacente. Portanto, a paisagem cultural depende não apenas da forma arquitetônica, mas também das práticas sociais que nela se desenvolvem.

No âmbito patrimonial, a discussão aproxima-se das categorias estabelecidas pela UNESCO, que reconhece paisagens culturais como resultado da interação intencional entre sociedade e natureza (UNESCO, [20?], online). O museu é patrimônio histórico nacional, e dialoga com a categoria de paisagem claramente definida, caracterizada por intervenção que confere forma específica ao território e é simultaneamente convertido em símbolo identitário da cidade, incorporado à memória coletiva e à imagem urbana de Niterói (IPHAN, 2016, online). A apropriação do MAC-Niterói por diferentes grupos, incluindo iniciativas comunitárias e manifestações culturais locais, amplia o debate sobre democratização do acesso e direito à



paisagem.

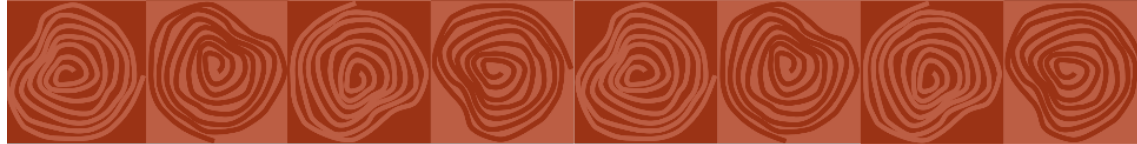
A dimensão ambiental é outro eixo fundamental. A integração visual entre arquitetura e natureza reforça a percepção de continuidade entre espaço construído e ambiente natural, com a luz, vento e água configurando experiência sensorial que ultrapassa a contemplação estética, contribuindo para o bem-estar e pertencimento. Assim, a paisagem cultural manifesta-se como síntese entre ambiente físico e significados sociais atribuídos ao território.

Nesse sentido, a paisagem cultural urbana contemporânea deve ser compreendida como campo dinâmico de produção de sentidos, no qual arquitetura, território e práticas sociais se entrelaçam. O MAC-Niterói evidencia que a paisagem não é apenas o que se vê, mas a experiência vivida e simbolicamente construída, ao integrar arte, geografia, patrimônio e uso social, o espaço reafirma a necessidade de políticas culturais e urbanas que considerem a dimensão humana como elemento estruturante da paisagem, garantindo que ela seja contemplada e efetivamente experimentada por todos.

Sobre as implicações para o planejamento da paisagem, o caso analisado evidencia que projetos icônicos podem contribuir positivamente para a construção da identidade urbana, desde que integrados a estratégias de gestão participativa. Planejar paisagens urbanas implica considerar diversidade de usuários, promover mobilidade ativa e garantir conforto ambiental, com a paisagem sendo entendida como processo em constante construção, resultado da interação entre espaço físico e práticas sociais.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja, quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções, e quanto maior número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural nos endereçamos a um mundo artificial (Santos, 2021, p. 71).

Segundo Silva (2016, p. 9), Perec busca desvendar o espaço tornando-o “totalmente disponível à leitura”, refletindo sobre a presença do tempo na cidade contemporânea. Milton Santos reforça que a paisagem é composta por tudo que nossos sentidos captam, enquanto o espaço se configura como a paisagem mais a vida nela existente, em constante transformação (Santos, 2021, p. 67-81), complementado por Michel de Certeau que informa que o espaço é praticado, animado pelos movimentos que nele se desdobram, reforçando a centralidade da



dimensão humana na experiência urbana (Certeau, 2020, p. 157-198).

Gehl percebe que a presença de pessoas nos espaços urbanos é indicador de segurança, vitalidade e saúde coletiva, e que a experiência urbana plena depende de oportunidades de permanência, diversidade de usos e infraestrutura adequada (Gehl, 2015, p. 19). No entorno de equipamentos culturais, a oferta de mobiliário urbano adequado, funcionalidades diversas e escala acolhedora estimula a apropriação social e fortalece o pertencimento, que em consonância com Sennett (2018, p. 299–324), defende cidades abertas e inclusivas. A inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo: rampas e elevadores atendem exigências das normas, mas a experiência plena requer mediação cultural, recursos comunicacionais acessíveis e políticas públicas permanentes.

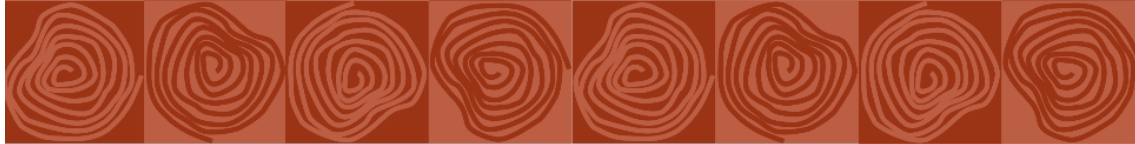
A dimensão humana, portanto, deve guiar decisões de planejamento e gestão da paisagem, contemplando diversidade de usuários, mobilidade ativa, conforto ambiental, acessibilidade, mediação cultural inclusiva e políticas públicas permanentes. A paisagem urbana é um processo contínuo de construção coletiva, resultado da interação entre espaço físico, práticas sociais e experiências sensíveis, em que inclusão, bem-estar, segurança e identidade tornam-se critérios centrais para cidades mais justas, acolhedoras e significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do Museu de Arte Contemporânea de Niterói demonstra que a dimensão humana constitui elemento indispensável para compreender e qualificar a paisagem urbana, pois sua arquitetura, reconhecida internacionalmente, se integra à cidade por meio das experiências cotidianas que proporciona e tornando-se realmente parte da paisagem cultural.

Espaços monumentais quando dissociados da vivência social podem ser carregados de simbolismos mas com pouco aproveitamento, e ao contrário, quando combinados com políticas inclusivas e participação da comunidade, reforçam identidade e senso de pertencimento

Planejar e gerir a paisagem urbana de forma equitativa exige priorizar a escala humana, a diversidade e a inclusão, colocando a experiência vivida no centro das decisões e transformando espaços culturais em lugares efetivamente compartilhados.



REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G.Gili, 2020. Tradução de Frederico Bonaldo.

CERTEAU, Michel de. Terça Parte: Práticas de espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2020. p. 157-198. Tradução de Ephraim Ferreira Alves.

FOSTER, Hal. **O complexo arte arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução de Anita Di Marco.

IPHAN (Org.). **Obras do arquiteto Oscar Niemeyer**. 06 maio 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/banco-de-pareceres/tombamento/obras-do-arquiteto-oscar-niemeyer.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2025.

JODIDIO, Philip. **Niemeyer**. Colônia: Taschen, 2016.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2016.

KELLER, Franz. **Praia das Flechas** - Rio de Janeiro. Junho 1869; Aquarela 16,0 cm x 24,0 cm. Coleção Geyer/Museu Imperial de Petrópolis.

SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021. Cap. 5. p. 67–81. Colaboração de Denise Elias.

SENNETT, Richard. As sombras do tempo. In: SENNETT, Richard. **Construir e Habitar**: Ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018. Cap. 10. p. 299–324. Tradução de Clóvis Marques.

UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*. **Glossary: Cultural landscape**. *UNESCO World Heritage Centre*. [20?]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/glossary/225>. Acesso em: 1 mar. 2026